



CAP

Cadernos de
Arte Pública

Public Art Journal

Narrativa / Narrative

Vol. 1 / N° 2

Urbancreativity.org

Title:
Cadernos de Arte Pública
Public Art Journal

Editor:
Pedro Soares Neves

Co - Editor:
Sérgio Vicente

Copy Editing:
Sérgio Vicente
Kady Perry

©Authors and Editors
Lisbon, December 2019
Print Version: ISSN 2184-6197

All rights reserved. No part of this book may be reproduced in any form by any electronic or mechanical means (including photocopying, recording, or information storage and retrieval) without written permission from the editors.

A project of:

ap² Associação para a
Participação Pública

Urban Creativity conference with the support:

b **cieba** **belas-artes**
a **ulisboa**

CAP / Public Art Journal V1 2019, in cooperation with
FBAUL/ CIEBA/ GIE (Grupo de Investigação em Escultura)

Narrativa / Narrative**Editorial**, Sérgio Vicente

4

Artigos/ Articles**Marcondes, Maria José de Azevedo** - Arte Pública e Modernidade: uma outra narrativa

8

Mariana Costa dos Reis, Helena Elias - Murais urbanos publicitários: uma análise a partir da semiótica social

18

Tânia Cortez - Arte no Espaço Público: circunstância, contingência e direcção

30

Letícia Larín - Ensaio sobre o dilema da representação ética da alteridade: Indianismo, Indigenismo e uma abordagem metacultural na arte contemporânea brasileira

38

Nara Beatriz Milioli Tutida, João Felipe Reginatto Montemezzo, Juliano Menegaes Ventura

68

Jornal do Itacorubi: Jornal de bairro como tática para proposição artística

Sérgio Vicente - FBAUL/ CIEBA/ coord. GIE

CAP Co - Editor

CAP é uma publicação científica regular de acesso aberto dedicada à Arte Pública — uma área de cruzamento disciplinar, que consubstancia a sua investigação na construção coletiva do espaço público. Narratividade e Memória são os temas dos dois primeiros números dos Cadernos, o intuito destes números é o de refletir sobre práticas e propostas que convoquem o espaço e a esfera pública para as suas realizações. Seja através dos conceitos e noções a elas associadas, seja através das práticas que se suportam no envolvimento de públicos ou comunidades nos seus resultados.

Cada vez mais os agentes artísticos requerem audiências participantes e construtoras de significados para o seu trabalho, no entanto, a permeabilidade do espaço público e a incapacidade de se criarem públicos especializados para a arte pública, põe a nu a inoperância das ferramentas tradicionais de análise para construir uma narrativa suficientemente abrangente sobre o fenómeno. Tem-se substituído o debate sobre a especificidade da obra, tradicionalmente centrada no pensamento, nos métodos e vocabulários do artista, por modos de análise que vão raptar conceitos e campos de atuação fora dos processos tradicionais de produção e legitimação artística. Talvez nos estejamos a esquecer que “as relações entre as partes isoladas de um objeto visual são oferecidas simultaneamente ao seu observador; estão ali para serem percebidas e absorvidas em conjunto e ao mesmo tempo”, como tutelou Krauss (2001). A arte pública está a re-expandir os limites da sua materialidade e do seu tempo; a ideia da presença da obra é a sua diluição na efemeridade, no tempo dos gestos, da palavra tornada ação num lugar, na objectualização da reivindicação pública.

Os Cadernos tratam a relação que a arte pública estabelece com o nosso tempo, como os seus resultados são transformadores dos modos de produção artística e

que desafios deixam à re-interpretação do legado artístico existente na cidade. Apoiando-nos no programa de Oriol Bohigas (1986), este defendia que era “preciso ampliar o conceito de monumento e [que era] necessário entendê-lo como tudo aquilo que dá significado permanente a uma unidade urbana, desde a escultura que preside e aglutina, até à arquitetura que adota um carácter representativo e, de maneira especial, aquele espaço público que se enche de significações”. No entanto, a intencionalidade da ação artística sobre o espaço público vem consecutivamente legitimando a crítica aos monumentos da velha ordem, questionando os valores subjacentes à sua representatividade. A arte pública é uma ferramenta poderosa na afirmação do direito ao protesto individual e à representação pública das minorias. Mas ao mesmo tempo, a arbitrariedade política que a arte permite, vai deixando um lastro de questões, entre a crise da herança histórica que os monumentos transportam e a crise da identidade social que assola os valores da sua representatividade no espaço público.

Estará a arte, e as suas produções urbanas a perder a capacidade de transcender (Lefebvre: 1974), de nos transportar para um outro lugar? Giedeon (1958) já defendera em nove pontos que escrevera com Sert e Léger em 1943, que, a arte tem “de satisfazer a eterna procura da tradução da força coletiva em símbolos. Os monumentos mais importantes são aqueles que conseguem expressar o sentir e o pensamento desta força coletiva da população”. Vivemos uma época de forte incremento da produção de obras para o espaço público, e sabemos que, esta arte urbana em grande parte da sua demanda, deve a sua materialização à valorização económica e promoção cultural das cidades. Vivemos na direção da não-monumentalização (Giedion, 1944), não é por acaso que este defendia que a monumentalidade se afirma pela intemporalidade na sua dimensão pública,

um estado que só se atinge quando num determinado momento histórico se atinge uma harmonização entre a razão social e o pensamento das suas elites. Procuramos nos Cadernos debater as relações entre o poder dado à arte e o poder da arte na transformação da sociedade pelos cidadãos.

Nas periferias surgem novas centralidades urbanas que trazem consigo um campo de ação artístico que, embora de grande vitalidade transformadora, não encontra eco nas grandes estruturas de legitimação e divulgação da arte. Importa analisar estes contextos e as formas que lhe dão sentido e antecipar o debate das principais questões relacionadas com a ética do artista e a responsabilidade coletiva na administração pública do território.

Nos Cadernos procuramos explorar, através de múltiplas perspetivas, as questões fundamentais da arte pública, bem como as repercussões que tais questões e problemáticas têm na valorização das práticas urbanas, como aposta na melhoria das condições da habitabilidade social e cultural nas cidades.

Assumimos a publicação como um espaço plural, fruto do cruzamento entre a disciplina artística, humanista e científica que, na sua heterogeneidade, permite a integração e interação de diferentes tipos de saber e conhecimento.

O conjunto de Artistas e investigadores que colaboraram nestes números contribuíram para o debate sobre as práticas artísticas contemporâneas, que tomam a arte pública como fulcro, e constituem-se os seus artigos como uma análise crítica e multidisciplinar, a fim de reunir um pensamento crítico que procura repensar o campo da arte num mundo globalizado, apontando sentidos para a reconstrução de identidades, abrindo hipóteses à re-comemoração, a re-memorização e a re-valorização da produção artística no espaço urbano, facilitando a emergência de obras com reflexos na radical mudança da realidade comum. Estes dois números são pontos de partida essenciais para o melhor entendimento do Estado da Arte da Arte Pública.

Bohigas, O. (1986). *Reconstrucción de Barcelona*. Madrid: Servicio de Publicaciones, Secretaría General Técnica, Ministerio de Obras Públicas y Urbanismo, p. 103.

Giedion, S. (1944). *The need for a new monumentality*. New Architecture and City Planning. (coord. Paul Zucker). Nueva York: Hubner, p. 549-568.

Giedion, S. (1958). *Architecture You and Me: A Diary of a Development*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, p. 48-51.

“They have to satisfy the eternal demand of the people for translation of their collective force into symbols. The most vital monuments are those which express the feeling and thinking of this collective force-the people”

Krauss, R. (2001). *Caminhos da escultura moderna* (1a ed). São Paulo: Martins Fontes. P. 03.

Lefebvre, H. ([1974] 1991). *O direito à cidade*. São Paulo, Editora Moraes.

Scientific Committee

Alessandra Mello Paiva – UFSC – Santa Catarina (BR)
Alessandra Oliveira Araujo - UF – Fortaleza (BR)
Cesar Floriano dos Santos – UFSC – Santa Catarina (BR)
Carolina Vanegas Carrasco - TAREA IIPC - IDAES / UNSAM - (COL)
Cristina Pratas Cruzeiro– FCSH / UNL / IHA – Lisboa (PT)
David da Costa Aguiar de Souza – IFRJ - Rio de Janeiro (BR)
Fernando Quintas – FBAUL/ VICARTE – Lisboa (PT)
Gerbert Verheij - CIEBA – Lisboa (PT)
Helena Elias – FBAUL /VICARTE – Lisboa (PT)
Hely Geraldo Costa Junior – UESRJ - Rio de Janeiro (BR)
Ilaria Hoppe, Institut for Art and Visual History, Katholische Privat-Universität Linz, (AUS)
Jose Francisco Alves – Atelier Livre – Porto Alegre (BR)
José Pedro Regatão - IPL/ CIEBA – Leiria (PT)
Jeferson Camargo Taborda – UFMS – Mato Grosso do Sul (BR)
Mário Ramiro - CAP / ECA / USP – São Paulo (BR)
Marta Traquino – FLUL/ CEC – Lisboa (PT)
Sepideh Karami KTH – Stockholm (SW)
Sergio Vicente – FBAUL/ CIEBA – Lisboa (PT)
Sofia Ponte - FBAUP/ ID+ (PT)
Teresa Espantoso Rodríguez, Universidad de Buenos Aires, (ARG)
Thiago Moreira Corrêa – USP / FMU – São Paulo (BR)
Vera Pallamin - FAU/USP – São Paulo (BR)

Editor - Pedro Soares Neves - Executive Director AP2/ Urbancreativity

Co - Editor - Sérgio Vicente - FBAUL/ CIEBA/ coord. GIE

Contact and information

info@urbancreativity.org

Urbancreativity.org